

GLOBALIZAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM OLHAR ACERCA DO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO MODELO DE ENSINO REMOTO

Janicleide Vieira da Silva ¹
Amanda Gomes dos Santos ²
Nayllane Lima dos Anjos ³

RESUMO

O presente artigo tem como finalidade refletir sobre a globalização em tempos de pandemia por Coronavírus (Covid-19), sob a perspectiva do ensino remoto emergencial na Escola Municipal Padre Antonino, no qual o objeto de estudo da pesquisa foram os residentes atuantes nas turmas dos anos finais do ensino fundamental a partir do Programa Residência Pedagógica - PRP. Assim, nesta proposta de estudo em síntese os pontos a serem abordados são questões como a globalização e educação, programa residência pedagógica no modelo do ensino remoto emergencial e o cenário escolar no contexto das aulas remotas. Deste modo, os procedimentos metodológicos adotados foram a pesquisa bibliográfica, seguida da pesquisa exploratória com análise descritiva e o artigo sendo de natureza qualitativa, todos eles desempenharam um papel preponderante para corresponder a temática proposta. Com base nos resultados apresentados conclui-se que a discussão da temática é necessária visto a indispensabilidade de equidade frente às desigualdades socioespaciais como também pelo conteúdo formativo na construção da formação de professores.

Palavras-chave: Ensino emergencial, Pandemia, Tecnologias, Global.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por finalidade compreender e refletir a globalização acerca da perspectiva do ensino remoto emergencial por meio do programa Residência Pedagógica, no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. Devido a pandemia ocasionada pela Covid-19 que assola o Brasil desde março de 2020, fez-se urgente a adoção de medidas preventivas para reduzir a propagação do vírus. Isso atingiu diretamente o cenário escolar, sendo necessário a substituição das aulas presenciais pelo ensino remoto, bem como, a adaptação a esse novo modelo emergencial, no qual tem sido efetuado através das plataformas virtuais. O ministério da Educação divulgou no Diário Oficial da União uma portaria que

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, janicleide397@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, amanda.ag260@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, fabionay11@email.com.

“dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação da pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19”. (BRASIL, 2020).

Essa portaria determina que o ensino superior e todas as atividades acadêmicas possam funcionar de forma remota. Desse modo, o Programa Residência Pedagógica tal como todo o sistema de ensino educacional exigiu uma adaptação por parte de todos os membros envolvidos, promovendo um adicional de experiência e conhecimento aos licenciandos neste momento de difícil adaptação. O programa tem por intuito o aprimoramento na formação inicial docente, proporcionando o desenvolvimento de habilidades educacionais ao permitir a integração dos estudantes de licenciatura na educação básica. Visto que, consiste na oportunidade do futuro docente se aproximar da convivência com a realidade profissional que pretende exercer, ampliando os saberes da docência, e as posturas necessárias frente aos desafios presentes no exercício professoral.

A realização do PRP como fonte de estudo para esse artigo, deu-se na escola Padre Antonino do sistema municipal na cidade de Campina Grande-PB. As residentes atuaram com a disciplina de Geografia, exclusivamente nas turmas do ensino fundamental II. As atividades realizadas foram acompanhadas por uma professora preceptora da escola e duas professoras e coordenadoras do programa na Universidade Estadual da Paraíba. A pesquisa é de natureza qualitativa, abarcando um estudo bibliográfico acerca dos autores referentes à temática do artigo, que otimizam a concepção sobre o processo de ensino aprendizagem no período de aulas remotas. Como podemos observar nas leituras de Santos, Pimenta, Lima, Beira e Nakamoto ao contribuírem no conhecimento sobre a prática docente em meio ao modelo de ensino remoto emergencial, bem como, outros autores que elucidam outras abordagens acerca do processo de globalização diante as desigualdades socioeconômica na sociedade contemporânea.

O objetivo central foi evidenciar a situação do processo ensino aprendizagem durante o período de ensino remoto emergencial e refletir as dificuldades encontradas na prática docente diante da experiência obtida no programa residência pedagógica. No que se refere à estrutura do artigo, o mesmo foi dividido em três partes: na primeira parte apresentamos a concepção de globalização diante do ensino remoto emergencial e como a mesma é motivo de aumento de desigualdades sociais em nossa sociedade, na segunda parte, abordaremos o Programa Residência pedagógica no período no modelo de ensino remoto e por fim refletiremos o cenário escolar no contexto das aulas remotas.

DESENVOLVIMENTO

GLOBALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO

O processo de globalização teve início a partir do séc. XV e XVI, mediante as Grandes Navegações e sua intensificação se deu a partir da Revolução Industrial ocorrida no séc. XVIII a XIX. Milton Santos (2008) cita que “no fim do século XX e graças aos avanços da ciência, produziu-se um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação, que passaram a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando ao novo sistema técnico uma presença planetária”. Ou seja, um dos fatores que promoveu a intensificação dessa globalização nas últimas décadas foi a modernização dos setores de comunicação e transporte. Os meios de transporte se tornaram mais eficientes e a comunicação, principalmente a universalização da informática, fizeram com que os acontecimentos se propagassem em escala planetária, tornando o fluxo de informação muito intenso.

Porém, por mais que esta globalização seja dita “global”, ela não atinge a todos, sendo a mesma motivo de exclusão. De acordo com Santos (2001)

Os "integrados" no mundo globalizado são aqueles que conseguem incorporar atitudes, valores e novos padrões de comportamentos mais adequados ao usufruto das oportunidades que as sociedades capitalistas oferecem a todos os seus cidadãos. As variáveis psicossociais novamente são consideradas as determinantes fundamentais da inclusão social, sendo a educação, a principal delas. A Internet transforma-se numa palavra mágica com força persuasiva: todos devem “integrar-se” à rede mundial para participar da era global. (SANTOS, 2001, p. 171)

A famosa globalização atinge aquelas pessoas que já se encontram no “topo da sociedade”, que tem possibilidades financeiras de usufruir os bens materiais e/ou culturais que a sociedade capitalista oferece. A educação tem papel de inclusão social na sociedade, todavia, quando voltamos à temática da globalização para a questão da educação, a situação não mudou, e devido a pandemia do COVID-19 apenas se agravou as desigualdades já existentes. De acordo com o Art. 205, da Constituição Brasileira, “A educação é direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” Porém não é isso que acontece.

Como corrobora, Bernard Charlot (2007)

O fato de a educação ser um direito universal implica que a educação pública também deva ser considerada como tal. De fato, por um lado, a educação pública, e mais especificamente ainda a escola pública, é o único meio para os pobres e os mais fracos

terem acesso à educação; de modo que o direito à educação implica o direito à escola pública. Por outro lado, a educação pública sustenta, ou deveria sustentar e deve buscar isso, um projeto de educação como bem comum, de educação aberta a todos, de educação como direito universal. (CHARLOT, 2007, p.146)

Na teoria a educação deveria chegar uniformemente para todos os estudantes, mas na prática isso está longe de ser realidade. Já não era antes da pandemia e diante da mesma observamos a imensa desigualdade que se alargou em nosso país, nos diversos níveis de ensino. São vários os cenários existentes no meio educacional. Para aqueles que já detinham de aparatos tecnológicos, uma boa infraestrutura, estudar em casa de forma repentina, não foi algo complicado para se adaptar. Já para os estudantes que não possuíam essas infraestruturas e que tinham na escola um meio de “fugir” de uma realidade complexa nas suas residências, foi e ainda é extremamente difícil essa adaptação.

A falta de acesso a internet e/ou aparelhos tecnológicos traz inúmeros prejuízos para os estudantes, de forma especial para os que não estão “integrados” no mundo global, já que os mesmos por não terem condições financeiras e/ou sociais, também não têm acesso às aulas online, ou tem de forma restrita.

Para Charlot (2007)

...a globalização é, antes de tudo, um processo socioeconômico. Todavia, ela traz também consequências culturais, através do encontro entre culturas e do aparecimento e espalhamento de novas formas de expressão. Cabe destacar a miscigenação entre povos devido aos fenômenos de migração acrescida, a divulgação mundial de informações e imagens pela mídia audiovisual e a Internet, a ampla difusão de produtos culturais (filmes, novelas, séries televisuais, músicas), a generalização do uso do inglês ou de uma língua internacional baseada nele, em detrimento de outras línguas. As consequências culturais e até sócio-cognitivas desses fenômenos ainda são difíceis de serem avaliadas, mas não há dúvida de que constituem novos desafios a serem enfrentados pela escola. (CHARLOT, 2007, p- 134)

Diante da pandemia novos desafios foram impostos, além dos elencados por Charlot (2007). Se faz necessário compreender tais contradições e buscar meios no contexto escolar para que os estudantes não permaneçam nessa dicotomia, já que nem todos participam de forma integrada das aulas. E quais as propostas feitas pelos órgãos governamentais? Quais métodos as escolas estão utilizando para ressarcir as aulas que estes estudantes estão perdendo? São muitos os questionamentos, entretanto as respostas são inexistentes ou negativas.

O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA NO MODELO DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

O Programa Residência Pedagógica (PRP) ofertado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) proporciona para os discentes da segunda metade dos cursos de licenciatura, a experiência e a oportunidade de vivenciar práticas da profissão docente dentro das escolas públicas, com o objetivo de contribuir na formação inicial e na construção da identidade docente. O programa contempla, além da observação das aulas e da intervenção pedagógica, a regência de sala de aula, momento essencial na carreira acadêmica do licenciando.

Na sua estrutura, oferece bolsas para os professores coordenadores das universidades, e para os docentes preceptores da educação básica ao receber e orientar os residentes nas escolas públicas. Uma vez que, os números de bolsas são limitados e acaba excluindo a maioria dos licenciandos. Nesse sentido, a segunda edição do PRP 2020|2021 da Universidade Estadual da Paraíba no curso de Licenciatura em Geografia selecionou 9 residentes para a Escola Estadual Francisco Ernesto Do Rêgo em Queimadas - PB e 9 residentes para a Escola Municipal Padre Antonino em Campina Grande - PB, da qual iremos nos deter.

No ano de 2020, o advento da pandemia do Covid-19 modificou completamente a forma como o processo de ensino aprendizagem acontece no mundo, passando da modalidade presencial para o modelo remoto emergencial, fazendo com que o primeiro módulo do programa fosse realizado de forma remota. Nesse contexto, os residentes precisaram se adaptar e reinventar as formas de conduzir as regências, buscando torná-las mais eficientes. Essa concepção pode ser observada na leitura de Pimenta e Lima (2017):

Um profissional que, por ter sólida formação teórica, consegue criar respostas aos desafios que encontra em sua práxis docente: considera o ato docente situado nos contextos escolares; com amplo e sólido conhecimento dos contextos social e político que envolvem o ensino; sobre as realidades onde vivem seus alunos; com conhecimento da educação e da pedagogia em conexão com a práxis pedagógica docente, para analisar, compreender e criar procedimentos que assegurem as aprendizagens; para que sejam participantes ativos na reinvenção das práticas e das escolas; com sólida formação teórica que lhes permita compreender as realidades em que atua/atuará e propor coletivamente caminhos para assegurar as aprendizagens e o desenvolvimento de todos os alunos. (PIMENTA, 2017, p.05).

Sem dúvidas, essa nova forma de aprender veio para ficar, nunca mais o mundo será como antes. Então, nesse contexto do ensino remoto emergencial, as escolhas dos equipamentos como *software* e plataformas se tornam relevantes para a realização do ensino do conteúdo. As

ferramentas digitais adotadas pela escola foram *Google Classroom* (atividades assíncronas), *Google meet* (ministrar aulas síncronas), e *WhatsApp* para comunicação extra-classe entre a comunidade escolar e a família. Com isso, um item crucial tanto para o professor lecionar suas aulas como para o aluno aprender é o planejamento escolar. Dessa forma, os residentes elaboram todos os meses o plano estratégico para a organização de suas aulas de acordo com os conteúdos do livro didático da turma no qual estão como responsáveis.

Assim como o professor, o aluno também deve se planejar para o ensino remoto, embora muitos fatores dificultem seu processo de aprendizagem, atrapalhando o desempenho escolar e a falta de interatividade na relação professor e aluno. Como afirma Neto e Araujo (2021):

(...) a generalização dessa modalidade de ensino ignora as condições objetivas dos estudantes que não possuem acesso à internet, dentre outros problemas, como, por exemplo, a falta de local adequado para estudo na residência, ausência de equipamentos necessários, como computadores, tablets e celulares, entre outras diversas dificuldades encontradas pelas filhas e filhos da classe trabalhadora. (NETO e ARAUJO, 2021, p.30)

Visto que no ensino remoto não existe aquela conexão face a face, enxergamos o colega e o professor através de um aparelho tecnológico. Logo, o modo de pensar, investigar e aprender o que é apresentado de forma remota exige uma dedicação maior por parte dos alunos e professores.

A realidade se impõe e os desafios escancaram-se. Nesse sentido, os residentes precisam adequar as práticas didático-pedagógicas observando a realidade de vida de cada aluno, na busca de desenvolver estratégias inovadoras para estabelecer o contato do aluno com as ideias, solucionar problemas e buscar manter a motivação por trás de uma tela. Entre os novos desafios impostos pelo sistema de ensino remoto destacamos a necessidade de aprendizado e acompanhamento do surgimento das ferramentas digitais que estão disponíveis no mercado de trabalho, e o residência pedagógica proporciona essa experiência para os residentes ao utilizarem diferentes tecnologias educacionais em sua regência, preparando-os para o mercado de trabalho atual.

O CENÁRIO ESCOLAR NO CONTEXTO DAS AULAS REMOTAS

Diante da situação pandêmica desencadeada pelo Coronavírus (Covid – 19) a comunidade escolar em sua totalidade sofreu diversas transformações, visto a necessidade de suspensão das aulas presenciais contra a propagação do vírus. Com a emergência do isolamento

social, a escola física precisou buscar e se adaptar a alternativas que substituíssem o contato presente pelo contato virtual, para isso, o corpo docente redirecionou práticas e metodologias antes vistas no formato presencial para o modelo de ensino remoto. Dessa maneira, se foram encontrados diferentes desafios e possibilidades, visto que, o termo “ensino remoto” pouco vinha sendo discutido no Brasil até a chegada do vírus, além de divergir das perspectivas da modalidade de ensino da educação a distância (EaD) antes já instituídas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), no qual o poder público é o encarregado de promover e incentivar esta modalidade de ensino.

O ensino remoto em linhas gerais caracteriza-se por transferir a mesma base de conteúdos e práticas já instituídas no ensino presencial, se diferenciando em sua maioria pela distância física e pela utilização de aparatos tecnológicos que vão desde aparelhos de comunicação a plataformas digitais. Segundo Moreira e Shlemmer, este modelo de ensino pode se definir como:

O processo é centrado no conteúdo, que é ministrado pelo mesmo professor da aula presencial física. Embora haja um distanciamento geográfico, privilegia-se o compartilhamento de um mesmo tempo, ou seja, a aula ocorre num tempo síncrono, seguindo princípios do ensino presencial. A comunicação é predominantemente bidirecional, do tipo um para muitos, no qual o professor protagoniza vídeo-aula ou realiza uma aula expositiva por meio de sistemas de webconferência. Dessa forma, a presença física do professor e do aluno no espaço da sala de geográfica são substituídas por uma presença digital numa sala de aula digital. (MOREIRA e SHLEMMER 2020, p.9)

Com a introdução do modelo de ensino remoto emergencial alavancaram-se a utilização das denominadas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), que são instituídas como facilitadoras e permitem a utilização de metodologias ativas de forma mais dinamizada, além de fazem com que a nova geração de alunos “nativos digitais” exerça o protagonismo de sua educação no contexto escolar que conta como ponto positivo no processo de ensino durante a quarentena.

Apesar disto, no contexto de aulas remotas são destacadas ainda mais as disparidades em razão da falta de capacitação por parte dos professores que não receberam durante seu processo de formação instruções para lidar com esse modelo de ensino, tendo de se adaptar rapidamente e se reinventar a cada obstáculo, tornando-se um desafio diário ao qual não teve-se preparo suficiente. Segundo Beira e Nakamoto (2016):

Pode-se dizer que a grande maioria dos professores em formação e em exercício, não recebeu capacitação para o uso das tecnologias em sua prática pedagógica e precisa recorrer a um tipo de formação que o capacite a integrá-las no processo de ensino-aprendizagem, de forma a promover a melhoria da educação formal. (BEIRA E NAKAMOTO, p. 833)

Já por parte dos alunos a falta de acessibilidade tomou proporções globais tendo em vista as desigualdades sociais que se tornaram ainda mais explícitas. A falta de acesso a hardwares, internet banda larga e até equipamentos que possibilitem a comunicação foram os principais fatores da evasão escolar. Segundo a UFRGS (2021) “Trata-se de um fenômeno anterior ao vírus, mas igualmente complexo, avassalador e de alcance universal, que atinge os sistemas educacionais tanto dos países desenvolvidos quanto dos países em desenvolvimento, perpetuando suas disparidades socioeconômicas”.

Tudo isto posto, demonstra entre o processo de mudanças e adaptações a metamorfose do ambiente escolar, no qual tais transformações formam parte do novo modelo de ensino como também se caracterizam como formação essencial na construção de profissionais que futuramente serão inseridos nas escolas. Dentre essas mutações a sala de aula cheia de cadeiras enfileiradas deu espaço ao ambiente familiar no qual muitas vezes parentes dos alunos participam dos momentos assíncronos como intermediadores. Parafraseando Gadotti (2011) cada dia mais surgem novos espaços de conhecimento facilitados graças a formação do ciberespaço e da aprendizagem a distância que transformam novos ambientes em espaços de conhecimento.

METODOLOGIA

Para desenvolvimento da pesquisa aqui apresentada foi-se aplicado um questionário do Google forms, com a turma de residentes ligados a instituição Universidade Estadual da Paraíba – UEPB pelo programa/subprojeto Residência Pedagógica (RP) em Geografia, atuantes na Escola Municipal Padre Antonino da cidade de Campina Grande – PB. O formulário destinado foi respondido por residentes do ensino fundamental anos finais (6º ao 9º ano) com objetivo de esclarecer de que forma a pandemia e a globalização tem impactado a educação. Além disso, foram utilizados como procedimentos metodológicos a pesquisa exploratória e bibliográfica de natureza qualitativa.

Para explicar tal temática a pesquisa exploratória introduz-se pela observação e questionamento de problemáticas a fim de exemplos que estimulem a compreensão. Segundo GIL (2002 p. 41), “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições”.

Com tudo, esta pesquisa incorpora um apanhado de referências bibliográficas que auxiliam na compreensão da temática incorporados por meio da leitura de artigos, revistas, sites

entre outras fontes essenciais para construção da pesquisa bibliográfica. Segundo GIL (2008, p. 50), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

O presente estudo apresenta uma abordagem qualitativa, de acordo com KAUARK, MANHÃES e MEDEIROS (2010, p. 26), “o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. Os processos e seus significados são os focos principais de abordagem”.

Além disto, o estudo conta com uma análise descritiva e exploratória, conforme destaca GIL (2008, p. 28): “As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pesquisas realizadas para embasamento teórico deste trabalho, teve como alvo os residentes da Escola Padre Antonino, localizada na cidade de Campina Grande - PB. Tendo como objetivo entender suas concepções acerca do ensino remoto emergencial, suas dificuldades frente a este modelo de ensino e seus entendimentos em relação à globalização. Todos os questionamentos foram encaminhados para os residentes através de formulários criados no Google Forms, sendo um total de 9 residentes da disciplina de Geografia.

Quando questionados sobre como as aulas poderiam ser realizadas de forma mais dinâmica no ensino remoto e como a globalização interferia, os residentes mencionaram que “Sim, podem ocorrer de forma dinâmica, pois apesar da pandemia ter ocasionado o distanciamento nas relações, o ensino remoto consegue, por meio das tecnologias e demais estratégias, proporcionar as interações entre os indivíduos, além de possibilitar o uso de diversas ferramentas digitais que auxiliam a dinamizar as aulas e agregar na construção do ensino-aprendizagem. Ressaltando que para que isso aconteça de forma mais eficiente, deveria ter a presença de todos os alunos, mas não ocorre devido vários fatores”; “Creio que o ensino remoto pode sim seguir uma forma dinâmica em aula, mas na questão de globalizar acho improvável visto que muitos alunos não têm recursos necessários para aulas online.”

Todos os 9 residentes mencionaram que é possível realizar aulas de forma dinâmica através do ensino remoto, porém a maior dificuldade encontrada é a questão de nem todos os alunos possuírem recursos tecnológicos para participarem das aulas ou realizarem as atividades. Outras das dificuldades relatadas pelos residentes são: “falta de contato pessoal com os alunos”;

“evasão escolar”, este caso pode ser facilmente percebido quando comparado o número de alunos matriculados nas turmas com o número de alunos que estão participando das aulas no *Meet*, os números também são sentidos no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB); “falta de participação dos alunos nas aulas e a falta de entrega de atividades”, entre outros problemas.

Quando perguntados se seus alunos ligavam as câmeras durante as aulas, 2 deles responderam que sim, enquanto os outros 7 disseram que não. Alguns dos residentes apontaram que já deixaram de usar algum recurso metodológico ou plataforma por falta de acessibilidade dos alunos, como por exemplo o *Google Earth*.

Como formas de deixar as aulas remotas mais atraentes e/ou interativas, os residentes citaram: “utilizar os meios tecnológicos, sites e jogos interativos, vídeos sobre os assuntos, músicas, imagens, buscando sempre trazer novidades para os alunos”; “utilizar recursos digitais, mas não apenas isso, colocar o aluno como participante ativo na construção do conhecimento”. Ao utilizar jogos e outras ferramentas nas aulas remotas, percebe-se que os alunos se interessam mais por ser algo que chamam a sua atenção. Também é de suma importância fazer com que os alunos se sintam parte do processo de ensino-aprendizagem, e não vejam a figura do professor como alguém autoritário ou dono de toda verdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do Programa Residência Pedagógica, os licenciandos que participam do mesmo, arrecadam experiências na sua formação docente, fomentando uma nova visão sobre o ensino e sua futura profissão, além de irem construindo seu perfil profissional. Com a pesquisa desenvolvida diante desse trabalho, pode-se perceber a importância do PRP na formação dos licenciandos bem como a percepção destes acerca do ensino remoto, e como o fato de nem todos os alunos estarem integrados neste novo modelo de ensino, pode prejudicar o aprendizado, além de influenciar em questões futuras. Já que o fato da evasão escolar pode ocasionar futuramente aumento no caso de desempregados, entre outros problemas.

Em relação às aulas *online*, percebeu-se a importância de utilizar novas metodologias para fazer com que os alunos tenham mais interesse pelas aulas, plataformas como o *Kahoot*, *Mentimeter*, *WordWall*, *Padlet* e afins auxiliam e muito os professores a realizarem aulas mais dinâmicas e interativas.

Portanto, chega-se à conclusão de que a participação dos licenciandos em programas como o Residência Pedagógica é de suma importância na sua formação docente, mesmo em

modelo de aulas remotas, os mesmos conseguem ter a percepção da realidade e dos desafios enfrentados pelos professores no âmbito escolar. Podemos também perceber a grande desigualdade existente entre os alunos, onde nem todos têm acesso à educação, por não possuírem recursos tecnológicos, e nada é feito em relação a isto, por órgãos governamentais e/ou comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Alynny Luiza Ricco. **Evasão escolar e pandemia: quanto pior, pior.** Porto Alegre: UFRGS, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/evasao-escolar-e-pandemia-quanto-pior-pior/> Acesso em: 29 de junho de 2021.

BEIRA, Diovane; NAKAMOTO, Paula. A formação docente inicial e continuada prepara os Professores para o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em sala de aula?. in: **Anais do Workshop de informática na Escola.** Vol. 22, Nº 1, 2016.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 26 de junho de 2021.

BRASIL. Ministério da educação. **Portaria Nº 343, de março de 2020.** P.1 Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou> Acesso em: 18 de junho.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Legislação brasileira sobre educação.** n. 12. Brasília: Edições Câmara, 2009. 428 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/legislacao> Acesso em: 20 de junho de 2021

CHARLOT, Bernard. **Educação e Globalização: uma tentativa de colocar ordem no debate.** Sísifo, n. 4, p. 129-136, out/dez 2007.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido.** 2ª ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KAUARK, Fabiana. MANHÃES, Fernanda Castro. MEDEIROS. Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático.** Itabuna: Via Litterarum, 2010.

MOREIRA, José António; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital onlife. **Revista UFG, [S. I.], v. 20, nº. 26, 2020.** Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/63438> Acesso em: 21 de junho de 2021.



NETO, Arthur Bispo dos Santos; ARAUJO, Lorraine Marie Farias de. Ensino a Distância (EAD) e a destruição da Universidade Pública. **Universidade e sociedade**. Brasília, nº 67, (p. 22 – 35), 2021.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Os (des) caminhos das políticas de formação de professores - o caso dos estágios supervisionados e o programa de iniciação à docência: duas faces da mesma moeda?** Reunião Científica da ANPED, v.38, 2017.

SANTOS, Tania Steren dos. **Globalização e exclusão: a dialética da mundialização do capital**. Sociologias, p. 170-198, 2001.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 15º ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.